

Índios Yawanawá gravam

Archibaldo Antunes

Os índios Yawanawá da aldeia Nova Esperança, no rio Gregório, estão preparando o lançamento do CD "Mariri Yawanawá", financiado pela Agama Path Foundation, uma instituição sediada em Taos, no Novo México. A gravação do disco foi idéia dos mais velhos, que temem ver a própria cultura se extinguir nos próximos anos. O Yawanawá Nichi-Waka, ou Biraci Brasil, de 36 anos, afirma que as 20 canções do CD falam da relação do seu povo com os elementos do universo, principalmente as plantas e os bichos.

Quinze homens e 15 mulheres Yawanawá participarão do lançamento do disco no Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, no dia 13 de setembro. Dez dias depois eles se apresentam na Serra do Cipó, em Minas Gerais. Em outubro o grupo segue para a cidade de Mineápolis, nos Estados Unidos. E logo depois para Taos.

As vinte melhores vozes da aldeia participaram das gravações, feitas em abril durante o Saiti Muniti (cantos entoados durante as noites de lua cheia). As duas mil cópias do CD estão prontas e os Yawanawá tentam vender parte desse material para o governo do Estado. "Gostaríamos que os CDs fossem mandados às escolas públicas", diz Biraci, que estudou na capital e não guarda boas lembranças desse tempo. "Os professores tratam o assunto como se índio no Brasil fosse uma coisa só", protesta ele.

Joaquim Tashka, que vive nos Estados Unidos, assina o encarte do disco. Segundo ele, "os cantos trazem visões e traduzem essas visões em palavras com poder de curar pessoas enfermas". Tashka afirma tam-

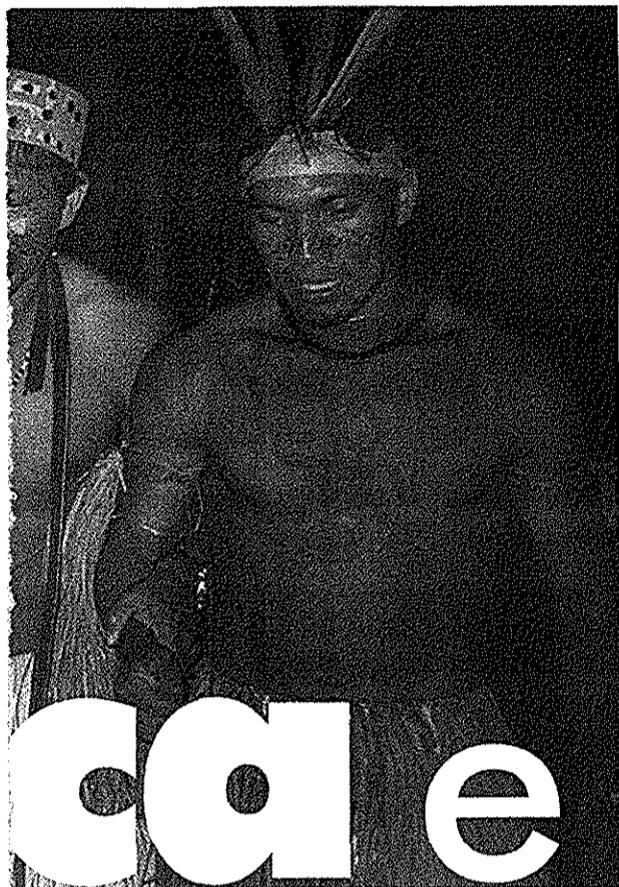
Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *Outras Palavras V. 1 N. 7*

Data: *Agosto 2000* Pg. *17*

Class.: *07*



Arquivo

Os Yawanawá e os Katukina são da mesma família étnico-lingüística Pano. Ambos dividem mais de 92 mil hectares de terra no rio Gregório. O primeiro contato dos Yawanawá com os brancos brasileiros foi no final do século passado, quando os nordestinos vieram explorar a borracha na Amazônia. O segundo contato foi na década de 70, com os integrantes das Missões Novas Tribos do Brasil.

Os Yawanawá expulsaram de suas terras os seringueiros e seringalistas no início dos anos 80. Logo depois seria a vez dos missionários, que vinham deteriorando suas crenças e costumes tradicionais. Uma das maiores preocupações dos Yawanawá é registrar e transmitir para as gerações futuras a cultura dos antepassados. A outra é melhorar a qualidade de vida do povo dentro da floresta.

ca e negócios

am CD e exportam urucum para os EUA

bém que essas canções religam o povo aos seus ancestrais, à floresta e ao criador.

Mas os Yawanawá não estão ligados ao mundo apenas por suas crenças. O grupo exporta corante natural de urucum para a empresa norte-americana Aveda Foundation. O produto sai da aldeia semibeneficiado e vai para uma firma paulista, que extrai o corante do urucum antes de enviá-lo aos Estados Unidos.

Eles também criaram uma associação para administrar os lucros do negócio, que está sendo investido no projeto da fazenda comunitária. "Teremos uma granja e vamos plantar para não exaurir os recursos da floresta", ensina Biraci.

Os quatro pajés da aldeia trabalham num laboratório natural de ervas medicinais. Segundo Biraci, que prefere não se aprofundar no assunto, os pajés cultivam mais de 3 mil ervas que logo vão estar prontas para ganhar o mercado externo. "Acendemos um facho no nosso pensamento para entrar no mundo escuro dos negócios", filosofa o Yawanawá.

Cotidiano

Os negócios fizeram a tecnologia chegar à aldeia Nova Esperança. O posto de saúde e algumas casas possuem luz elétrica, gerada a partir de um sistema de energia solar. Neste ano, dois jovens Yawanawá devem ir aos EUA com a ajuda de ongs estudar o funcionamento do sistema, para que se evitem interrupções no fornecimento de energia.

Existe na aldeia uma unidade de processamento de urucum e os Yawanawá já fecharam parceria com o governo do Acre para o Projeto Andiroba. Aos poucos, eles vão se organizando em torno de planos a médio-prazo. Organização, aliás, é uma palavra sagrada por lá.

Não é à toa que os Yawanawá foram os primeiros índios do Acre a ter a totalidade de suas terras demarcadas pelo governo federal, em 1984. E também não é por acaso que a sua população é uma das que mais crescem em território acreano. Segundo Biraci, são 556 índios contra pouco mais de 240 do início dos anos 90.

Os negócios bem sucedidos

e a franca melhoria social do povo Yawanawá não mudam, porém, o cotidiano da tribo. Na aldeia se planta milho, mandioca, batata doce, laranja, coco, banana e tangerina. E faltam assistência médica e medicamentos. O transporte também continua sendo um drama para a população.

A aldeia Nova Esperança fica em Tarauacá, a um ou dois dias de barco da sede do município – dependendo se é inverno ou verão. Depois é necessário caminhar mais dois ou três dias dentro da mata. Para evitar esforço tão penoso, os Yawanawá precisam ter 900 reais no bolso para pagar o frete de um monomotor.

"Nosso sonho é comprar nosso próprio avião", diz Biraci, sorrindo. "Por enquanto é só sonho, mas um dia a gente consegue".

População Yawanawá de olho no mercado externo



Arquivo